



IDENTIDADES RACIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR A PARTIR DA DANÇA-EDUCAÇÃO

RACIAL IDENTITIES IN THE SCHOOL CONTEXT BASEAD ON DANCE EDUCATION

Alexa Costa de Freitas Alexandre¹

Secretaria de Educação de Juiz de Fora

Francione de Oliveira Carvalho²

Faculdade de Educação/UFJF

Resumo: A pesquisa analisa a dança-educação como prática pedagógica transformadora na construção de identidades raciais no espaço escolar. O estudo foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora (MG), com estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, participantes do Programa Mais Educação, durante o ano de 2018. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter construtivo-interpretativo, fundamentada em González Rey (2005), utilizando como indutores de produção de dados a conversação e o completamento de frases. As aulas de dança-educação tiveram como eixo gerador a obra *Na minha pele*, de Lázaro Ramos (2017), articulando reflexões corporais e identitárias em diálogo com autores como Laban (1990), Isabel Marques (1996, 1999, 2010), Paulo Freire (1987, 1996), Stuart Hall (2006, 2016), Frantz Fanon (2008), Grada Kilomba (2019) e Achille Mbembe (2014). Os resultados evidenciaram que a dança-educação, quando aplicada de maneira crítica e reflexiva, promoveu transformações significativas na autoestima, no pertencimento e na valorização da identidade negra, reverberando além do espaço escolar. Conclui-se que a dança, integrada ao currículo e sustentada por uma perspectiva antirracista, constitui potente dispositivo de formação cidadã e de enfrentamento ao racismo estrutural.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, possui Pós-graduação em Metodologia no Ensino de Arte na Faculdade São Luís é graduada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa, com Bacharelado e Licenciatura plena (2011). Ocupa a vaga de dança como técnica na Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora, atuando na Supervisão de Projetos de Arte e Cultura. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5853296125542436> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4896-2607>

² Atua nas Licenciaturas em Artes Visuais e Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE. Doutor e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estágio de Pós-doutorado em História na USP. Editor Assistente da Revista Educação em Foco da UFJF. É líder do MIRADA - Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente locado na Faculdade de Educação da UFJF. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262224578426097> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7511-5708>



Palavras-chave: dança-educação; identidade racial; arte/educação; empoderamento; escola pública.

Abstract: This study analyzes dance education as a transformative pedagogical practice in the construction of racial identities in the school context. The research was conducted in a municipal school of Juiz de Fora (Brazil) with students from the 3rd to the 5th grades of elementary school, within the More Education Program, during 2018. A qualitative, constructive-interpretative methodology was adopted (González Rey, 2005), using conversation and sentence completion as research inducers. The dance education classes were inspired by Lázaro Ramos' book *Na minha pele* (2017), articulating bodily and identity reflections in dialogue with authors such as Laban (1990), Isabel Marques (1996, 1999, 2010), Paulo Freire (1987, 1996), Stuart Hall (2006, 2016), Frantz Fanon (2008), Grada Kilomba (2019) and Achille Mbembe (2014). Results showed that dance education, when applied critically and reflectively, promoted significant transformations in self-esteem, belonging and the valorization of Black identity, reverberating beyond the school space. It is concluded that dance, integrated into the curriculum and supported by an anti-racist perspective, constitutes a powerful tool for citizenship education and the fight against structural racism.

Keywords: dance education; racial identity; art/education; empowerment; public school.

1 INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição social configura-se como um dos principais espaços de formação cultural, social e política dos sujeitos. É nela que crianças e adolescentes vivenciam experiências que transcendem a mera aquisição de conteúdos curriculares, sendo atravessados por processos de socialização, construção identitária e afirmação de valores. No entanto, em sociedades marcadas historicamente pela escravização e colonização, como o Brasil, a escola não está isenta da presença do racismo estrutural, que atravessa relações pedagógicas, currículos e interações cotidianas.

Ao passo que o ambiente escolar reproduz comportamentos racistas, também é possível ser repensado como um lugar de debate para a resistência, problematizando questões raciais, constituição de identidades, racismo e empoderamento, ampliando a compreensão e conhecimento de estudantes negros e negras.



É nesse contexto que a arte, em particular a dança-educação, assume relevância singular. A dança, entendida não apenas como técnica ou expressão estética, mas como prática pedagógica e linguagem artística, constitui uma possibilidade de ressignificação de experiências e de enfrentamento às desigualdades raciais. A corporalidade, elemento central na prática da dança-educação, torna-se um campo de disputa simbólica, no qual os corpos negros, frequentemente estigmatizados e invisibilizados, quando convidados a imergir em si mesmos, acessando memórias e experimentando criações coreográficas, acessam parte de sua potência. Nesse sentido, a dança-educação emerge como um dispositivo pedagógico que articula estética, política e subjetividade, favorecendo processos de empoderamento e de valorização da identidade negra no espaço escolar.

Este artigo demonstra sua relevância em trazer reflexões acerca de práticas educativas capazes de dialogar criticamente com temáticas raciais, contribuindo para a efetivação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatórios o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nos currículos escolares. Apesar das legislações citadas representarem avanços significativos, a implementação no cotidiano das escolas brasileiras ainda enfrenta desafios, seja pela falta de formação docente, ou a ausência de materiais didáticos consistentes. Nesse cenário, a dança-educação pode atuar como caminho pedagógico inovador, ao integrar corpo, movimento, memória e identidade em processos de ensino-aprendizagem.

O objetivo central do presente estudo foi analisar em que medida a dança-educação pode atuar como possibilidade transformadora na construção de identidades raciais no contexto escolar. Mais especificamente, buscou-se compreender como crianças do Ensino Fundamental, participantes de atividades de dança-educação em uma escola pública de Juiz de Fora (MG), vivenciaram experiências de reflexão, empoderamento e pertencimento a partir das experimentações coreográficas. As aulas foram organizadas em diálogo com a obra *Na minha pele* (2017), de Lázaro Ramos, utilizada como eixo gerador para a problematização das questões identitárias.



A questão norteadora que orientou a pesquisa pode ser sintetizada na seguinte indagação: em que medida a dança-educação, quando desenvolvida a partir de uma perspectiva crítica e antirracista, pode contribuir para a ressignificação da identidade negra e para o enfrentamento do racismo no espaço escolar? Tal problemática se insere em um campo de debates que articula Arte/Educação, estudos sobre identidade racial e pedagogias críticas, dialogando diretamente com o eixo “Ensino da Arte: sujeitos e processos educativos”.

Metodologicamente, a pesquisa assumiu caráter qualitativo, de base construtivo-interpretativa, segundo González Rey (2005). Essa abordagem permitiu compreender os sujeitos em sua complexidade, valorizando suas narrativas, afetos e expressões corporais. Para a produção dos dados, utilizaram-se como indutores a conversação e o completamento de frases, recursos que possibilitaram a emergência de significados construídos pelas próprias crianças. A análise privilegiou os sentidos que os e as estudantes atribuíram às experiências vividas nas aulas, articulando-os a referenciais teóricos do campo da Arte/Educação e identidades raciais.

Assim, a introdução situa a presente pesquisa como uma contribuição ao debate sobre a potência da dança-educação como prática pedagógica transformadora. Ao tensionar o espaço escolar enquanto lócus de reprodução do racismo e, simultaneamente, de construção de resistências, este trabalho reafirma a importância de se pensar o ensino da arte como campo político, ético e estético. A investigação apresentada busca analisar a experiência vivida por estudantes, mas também provocar reflexões mais amplas sobre a necessidade de práticas educativas que reconheçam e valorizem os sujeitos em sua pluralidade cultural e racial, contribuindo para a construção de uma escola democrática, antirracista e inclusiva.

2 DESENVOLVIMENTO:

2.1 - Fundamentos da Dança-Educação



Mais do que ensinar passos ou técnicas específicas, a dança-educação valoriza a experiência e o processo criativo, permitindo que os e as estudantes explorem o corpo como espaço de significação e de produção de sentidos.

Entre as contribuições fundantes para essa perspectiva está a obra de Rudolf Laban (1990), que concebeu o movimento como linguagem capaz de revelar dimensões emocionais, cognitivas e sociais do ser humano. Para Laban (1990), o corpo é atravessado por energias e dinâmicas que se expressam por meio do gesto, do ritmo e do espaço, de modo que dançar é também comunicar e interagir com o mundo. A teoria de movimento de (1990) fundamenta a compreensão da dança-educação como prática que não se restringe a coreografias pré-estabelecidas, mas que valoriza a improvisação, a consciência corporal e a liberdade expressiva.

No contexto brasileiro, Isabel Marques (1996, 1999, 2010) desempenha papel central ao propor interfaces entre arte e pedagogia no ensino da dança. Para a autora, a dança-educação deve ser concebida como processo que promove a construção de significados coletivos, possibilitando que o corpo se torne território de aprendizado, crítica e transformação social. Ao trazer a dança para dentro da escola pública, Marques (1996) defende a importância de articular conteúdos culturais diversos, reconhecendo a pluralidade das matrizes corporais que compõem a sociedade brasileira. Esse olhar rompe com visões elitistas que reduzem a dança ao balé clássico ou a expressões eurocênticas, reconhecendo a legitimidade de danças populares, afro-brasileiras e urbanas como práticas formativas.

Dialogando com essa perspectiva, o educador Paulo Freire (1987, 1996) contribui ao destacar o papel da corporeidade nos processos educativos e ao compreender a educação como prática da liberdade. Freire (1996) propõe uma pedagogia baseada no diálogo, na escuta e no reconhecimento dos sujeitos como produtores de saberes. Nesse sentido, a dança-educação pode ser também compreendida como prática freireana ao colocar o corpo em movimento, abre-se espaço para o encontro, para o diálogo não verbal e para a produção de novos significados. O movimento dançado torna-se, assim, ato político e pedagógico, por meio do qual os e as estudantes experimentam a autonomia, a criatividade e a conscientização crítica.



Ao articular Laban (1990), Marques (1996, 1999, 2010) e Freire (1987, 1996), a dança-educação assume uma função que ultrapassa a mera prática estética e passa a ser compreendida como linguagem crítica e reflexiva. No espaço escolar, ela possibilita que estudantes revisitem suas histórias, culturas e identidades, transformando a relação com seus corpos e com o mundo. Esse processo é particularmente relevante em contextos marcados por desigualdades sociais e raciais, uma vez que permite ressignificar experiências de marginalização, produzindo narrativas de resistência e valorização. Assim, os fundamentos da dança-educação ultrapassam técnicas de ensino do movimento, propiciando um compromisso ético e político com os sujeitos que por ela passam, promovendo empoderamento, autoconhecimento e transformação dos sujeitos.

2.2 Identidade Racial e Educação

A identidade racial constitui-se em um processo dinâmico e histórico, resultante da interação entre fatores sociais, culturais e políticos. Stuart Hall (2006, 2016) argumenta que as identidades não são essências fixas, mas construções em permanente transformação, marcadas pelas relações de poder e pelas representações culturais. No caso da identidade negra, essa construção é atravessada por experiências de opressão, resistência e ressignificação, em um contínuo movimento de luta contra o racismo estrutural. Nesse sentido, pensar a escola como espaço de formação identitária significa reconhecer que ela pode tanto reproduzir estigmas quanto criar condições para a valorização das culturas afro-brasileiras.

Frantz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*, evidencia como o colonialismo e o racismo imprimem marcas profundas nos sujeitos negros, afetando sua autoestima e percepção de pertencimento. Fanon (2008) denuncia os mecanismos de alienação e de imposição de padrões eurocêtricos de beleza, comportamento e cultura, que levam os indivíduos negros a experimentarem sentimentos de inferioridade e a construírem “máscaras” para se adaptarem a uma sociedade racista. No entanto, ao mesmo tempo em que evidencia a violência do



racismo, o autor aponta para a possibilidade de ruptura, por meio da tomada de consciência e da valorização da cultura negra como forma de resistência.

Esse movimento de denúncia e de ressignificação também é presente nas reflexões de Grada Kilomba (2019), que discute como o racismo cotidiano se manifesta em microagressões e violências simbólicas. Para a autora, o processo de silenciamento das narrativas negras na sociedade e, em particular, na escola, é uma das formas mais perversas de exclusão. Ao propor que os corpos e as vozes negras sejam reconhecidos como protagonistas da produção de conhecimento, Kilomba (2019) contribui para uma perspectiva pedagógica antirracista, que valoriza a memória, a ancestralidade e a experiência como dimensões centrais na formação identitária.

Achille Mbembe (2014), por sua vez, ao elaborar a *Crítica da razão negra*, amplia a compreensão do racismo como dispositivo de poder que atravessa a modernidade e organiza formas de subjetivação. Para o autor, o colonialismo e a escravidão produziram não apenas sistemas econômicos de exploração, mas também categorias de pensamento que inferiorizam a população negra. Nesse quadro, a educação é convocada a desempenhar papel fundamental no questionamento dessas estruturas, promovendo práticas que desestabilizem hierarquias raciais e abram caminho para novas formas de convivência.

No Brasil, a promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 representou um avanço significativo em reconhecer a necessidade de trabalhar a história e a cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas. Essas legislações, contudo, ainda encontram obstáculos em sua efetivação, como a ausência de formação continuada para professores, a carência de materiais pedagógicos e a resistência de parte da comunidade escolar dificultam a implementação de práticas realmente transformadoras. É nesse contexto que a dança-educação se insere como importante ferramenta ao articular corpo, movimento e memória, proporcionando experiências pedagógicas que concretizem os princípios dessas leis de forma viva e criativa.

Trazer a dança-educação para o espaço escolar é oportunizar o rompimento com modelos eurocêtricos, abrindo espaço para a valorização de matrizes culturais



negras e indígenas, que historicamente foram invisibilizadas. Tal valorização não se restringe à dimensão estética, mas implica também na constituição de sujeitos mais críticos, conscientes e empoderados, fortalecidos para o enfrentar o racismo, transformando assim, suas relações sociais.

2.3 Metodologia da Pesquisa

A pesquisa desenvolvida adotou uma abordagem qualitativa, de caráter construtivo-interpretativo, fundamentada nas proposições de González Rey (2005). Essa perspectiva parte do pressuposto de que o conhecimento não é dado de forma objetiva e neutra, mas construído no processo interativo entre pesquisador e participantes. Assim, mais do que descrever realidades, a investigação buscou compreender os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas, valorizando suas narrativas, expressões corporais e afetos.

O estudo foi realizado em uma Escola Municipal, situada em Juiz de Fora (MG), e contou com a participação de estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, inseridos no Programa Mais Educação durante o ano de 2018. O contexto da escola pública foi considerado fundamental para a pesquisa, uma vez que é nesse espaço que a dualidade entre reprodução de desigualdades e possibilidades de transformação social se encontram.

Como indutores de produção de dados foram a conversação e o completamento de frases. A conversação foi entendida não como entrevista formal, mas como espaço de diálogo aberto, em que os e as estudantes puderam relatar experiências, sentimentos e percepções sobre o corpo, a dança e as questões raciais. Já o completamento de frases foi utilizado como recurso para favorecer a expressão de sentidos de maneira espontânea, permitindo acessar dimensões subjetivas muitas vezes não verbalizadas em discursos lineares. Tais instrumentos possibilitaram a emergência de representações e significados que os estudantes atribuíam a si mesmos e ao mundo que os cerca.

Além dos indutores, as próprias práticas corporais vivenciadas nas aulas de dança-educação foram compreendidas como momentos de produção de dados. Ao dançar, o corpo expressa narrativas que extrapolam a linguagem verbal, revelando



conflitos, memórias e afetos. Desse modo, a análise não se restringiu apenas às falas, mas considerou a corporeidade perante as propostas coreográficas ao longo de todo ano durante os processos de criação coreográfica.

A análise dos dados foi realizada a partir de uma leitura interpretativa, articulando as falas e as práticas corporais com os referenciais teóricos discutidos no campo da Arte/Educação e dos estudos raciais. Essa estratégia permitiu compreender as experiências não como dados isolados, mas como construções de sentido inseridas em um contexto histórico, social e cultural. Assim, a metodologia não apenas orientou os procedimentos técnicos da pesquisa, mas também refletiu o compromisso político e ético com a valorização dos sujeitos e com a construção de práticas pedagógicas transformadoras.

2.4 Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa revelaram que a dança-educação, quando desenvolvida a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva, produziu impactos significativos na construção de identidades raciais dos e das estudantes. Ao longo das atividades realizadas, além do desenvolvimento de habilidades corporais e criativas, as transformações na maneira como os e as participantes se percebiam e se posicionavam no espaço escolar foram notáveis.

Um dos aspectos centrais foi o fortalecimento da autoestima dos e das estudantes negros e negras. Ao trabalharem com movimentos inspirados em seus relatos familiares, dialogando com o livro *Na minha pele* (2017), de Lázaro Ramos, as crianças puderam reconhecer o valor de suas histórias, experienciando o corpo não como objeto de estigmatização, mas como território de potência e beleza. Esse processo repercutiu em declarações espontâneas durante as conversas, afirmando sentirem orgulho de sua cor, de seus cabelos e de suas origens.

Outro resultado relevante foi a criação de um ambiente de pertencimento e coletividade durante as aulas de dança, os e as estudantes construíram vínculos entre si e com a professora, baseados no respeito, na cooperação e na valorização das diferenças. O processo criativo coletivo, especialmente durante a elaboração do



espetáculo *Resistência*, favoreceu o protagonismo estudantil, uma vez que os e as estudantes contribuíram com ideias, movimentos e narrativas. Esse protagonismo foi fundamental para a construção de uma identidade marcada pelo orgulho racial, empoderamento e aumento da autoestima, em sintonia com as reflexões de Stuart Hall (2006) em que as construções identitárias são permeadas por trocas entre o meio e a sociedade.

O espetáculo *Resistência* constituiu-se como culminância pedagógica e estética das atividades desenvolvidas. Nele, os e as estudantes apresentaram a união de todas as células coreográficas construídas ao longo do ano, inspiradas em temáticas raciais, trazendo para o palco experiências vividas e reflexões trabalhadas em sala. A performance extrapolou os muros da escola, envolvendo familiares, comunidade e demais estudantes, o que ampliou o alcance da experiência. O impacto social deste trabalho ficou evidente através dos relatos familiares, descrevendo o orgulho em ver seus filhos e suas filhas assumindo uma postura ativa, consciente e transformada de suas identidades. Esse movimento confirma a capacidade da arte em transbordar os limites da sala de aula, provocando mudanças em diferentes esferas sociais.

Os resultados também apontaram para mudanças nas relações escolares. Todo corpo escolar relatou perceber maior engajamento dos e das estudantes participantes em outras atividades escolares, demonstrando mais confiança e disposição para interagir em sala de aula. Esse dado sugere que a valorização identitária vivenciada na dança-educação reverberou de forma positiva no processo de aprendizagem como um todo, corroborando a tese de que práticas artísticas críticas podem contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica. Além disso, a experiência desafiou concepções pedagógicas tradicionais, ao inserir a arte e o corpo como dimensões centrais do currículo, o que dialoga com a pedagogia freireana (1996), que compreende a educação como prática libertadora.

É importante destacar que os resultados obtidos não se restringiram a mudanças individuais, mas também revelaram transformações nas relações sociais e culturais. A valorização da identidade negra e o fortalecimento do pertencimento não apenas promoveram a ressignificação das experiências dos e das estudantes,



mas também tensionaram as estruturas racistas presentes no cotidiano escolar. Ao se reconhecerem como sujeitos de direitos e de saberes, os e as estudantes passaram a questionar práticas discriminatórias e a propor alternativas inclusivas. Essa postura ativa vai de encontro a proposta de Grada Kilomba (2019), que defende a centralidade das vozes negras na construção de narrativas de resistência.

Os resultados obtidos evidenciam ainda a importância da dança-educação para a efetivação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 ao trabalhar conteúdos que abordam a história e a cultura afro-brasileira por meio do corpo e da arte, a pesquisa demonstrou como essas legislações podem ser concretizadas de forma significativa. A experiência com a dança não se limitou a uma atividade extracurricular, mas constituiu prática pedagógica estruturante, que integra o currículo e promove a formação integral dos e das estudantes.

Por fim, os resultados apontam para a potência da dança-educação como política pública de Arte/Educação ao proporcionar experiências estéticas, críticas e transformadoras, a dança assume então papel importante na ampliação de horizontes formativos, atuando como ferramenta de enfrentamento ao racismo estrutural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas demonstraram que a dança-educação, quando conduzida de forma crítica e reflexiva, possibilita o desenvolvimento da expressividade corporal, apontando para a emergência dialógica sobre constituição de identidades negras. A produção coreográfica que teve como pano de fundo os relatos familiares, aliada as questões apresentadas na obra *Na minha pele* (2017), de Lázaro Ramos, fizeram com que os e as estudantes passassem a valorizar características como cor da pele, o cabelo e fenótipos negros, historicamente alvo de estigmatização. Essa mudança de perspectiva revela a potência da arte na desconstrução de estereótipos e no fortalecimento da autoestima.

Outro aspecto fundamental destacado pela pesquisa foi o papel da dança-educação na construção de coletividades, o espetáculo *Resistência*, constituiu um



espaço de protagonismo estudantil e de mobilização comunitária, contando com a participação ativa dos e das estudantes no processo criativo. Este momento reafirmou a importância em reconhecer estudantes como sujeitos produtores de cultura e de conhecimento. Além disso, a repercussão do espetáculo junto às famílias e à comunidade escolar mostrou que as transformações identitárias não se restringem ao indivíduo, mas reverberam em redes de relações sociais mais amplas, ampliando o alcance da experiência pedagógica.

As considerações finais permitem, assim, afirmar que a dança-educação deve ser reconhecida como prática pedagógica estruturante no campo da Arte/Educação. Mais do que atividade extracurricular, ela se apresenta como dispositivo que contribui para a efetivação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, oferecendo caminhos concretos para a inserção das culturas afro-brasileiras e indígenas nos currículos escolares. Ao articular corpo, estética e crítica social, a dança-educação consolida-se como prática antirracista e decolonial, fundamental para a construção de uma escola democrática e plural.

Por fim, cabe destacar que os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de políticas públicas que garantam a presença efetiva da dança no currículo da educação básica. A formação de professores e professoras de Arte e a valorização das produções culturais afro-brasileiras e indígenas são caminhos indispensáveis para a consolidação de uma educação antirracista. Além disso, futuras pesquisas podem explorar a contribuição da dança em diferentes etapas da escolarização, bem como o diálogo com outras linguagens artísticas, ampliando as possibilidades de transformação social a partir da arte.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
 FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
 FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
 HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2016.



KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LABAN, Rudolf. A linguagem da dança. São Paulo: Summus, 1990.

MARQUES, Isabel. A dança no contexto: uma proposta para a educação contemporânea. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 236 p., 1996.

MARQUES, Isabel. Ensino da dança: propostas e reflexões. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES, Isabel. Dança-educação: interfaces entre arte e pedagogia. São Paulo: Cortez, 2010.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona, 2014.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

REY, Fernando Luis González. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.